

Potencialidades e desafios do jornalismo em face da desertificação da alimentação: enquadramentos do campo alimentar no *podcast Prato Cheio*

Potentialities and challenges of journalism facing the food desertification: frameworks of the food field in the Prato Cheio podcast

NARA LYA CABRAL SCABIN

Universidade Anhembi Morumbi, Programa de Pós-graduação em Comunicação
Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. Líder do Grupo de Pesquisa RisoMídia – Representações, Mediações e Humor na Cultura Audiovisual (UAM/CNPq) e coordenadora do GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM).

RESUMO

Em um momento no qual o futuro da alimentação se tornou um desafio global, o artigo busca refletir sobre as formas pelas quais práticas midiáticas – considerando, em especial, o jornalismo – enquadram e posicionam-se em relação aos conflitos e mutações em curso no campo alimentar. Elegendo a quinta temporada do *podcast Prato Cheio* como *corpus* de análise, a pesquisa propõe dois movimentos analíticos: (1) mapeamento dos enquadramentos do campo alimentar a partir das posições sociais representadas nos episódios; e (2) identificação das estratégias discursivas pelas quais diferentes vozes sociais são integradas ao *podcast*. Como principal conclusão, observa-se que *Prato Cheio* estabelece um diálogo estreito com discursividades de ativismos alimentares emergentes, constituindo um contraponto aos quadros dominantes no jornalismo de alimentação.

Palavras-chave: Jornalismo de alimentação; Desertos alimentares; *podcast*.

ABSTRACT

At a time when the future of food has become a global challenge, this paper seeks to reflect on the ways in which media practices – and especially journalism – frame and position themselves in relation to the ongoing conflicts and mutations in the food field. Choosing the fifth season of the *podcast Prato Cheio* as analysis corpus, the research proposes two analytical movements: (1) mapping of the frameworks of the food field considering the social positions represented in the episodes; and (2) identification of discursive strategies by which different social voices are integrated into the *podcast*. As a main conclusion, we observe that *Prato Cheio* establishes a close dialogue with discourses of emerging food activism, constituting a counterpoint to the dominant frameworks in food journalism.

Keywords: Food journalism; Food deserts; *podcast*.

INTRODUÇÃO

Diante das projeções quanto ao crescimento da população mundial – que chegou a oito bilhões de pessoas em 2022 – e da cada vez maior urgência das questões climáticas, o futuro da alimentação se tornou um desafio global. Da desertificação de biomas à alta emissão de gás metano pela agropecuária, o Brasil encontra-se no centro desse cenário de incertezas, agravadas pelo retorno do país ao Mapa da Fome da ONU (GUEDES, 2022).

Em um momento no qual acompanhamos perplexos as notícias sobre a crise humanitária nas comunidades indígenas da Reserva Yanomami, cujos meios tradicionais de sobrevivência vêm sendo gravemente ameaçados pela destruição da fauna e flora e pela contaminação das águas e do solo decorrentes do garimpo ilegal (GRANCHI, 2023), tornam-se evidentes os impactos da expansão dos chamados “desertos alimentares” – espaços nos quais o acesso a alimentos *in natura* ou minimamente processados é escasso ou impossível (KATSUDA; JUNQUEIRA, 2021).

O problema foi destacado por Luciana Phebo, coordenadora do Território Sudeste e chefe do escritório do Rio de Janeiro do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), durante um painel realizado em junho de 2022 com a presença de representações no Brasil de agências da ONU: segundo Phebo, os desertos alimentares atingem as famílias mais vulneráveis domiciliadas tanto em centros urbanos quanto em zonas rurais, além de populações indígenas, ribeirinhas e quilombolas (FAO, 2022a). A fala acontecia pouco mais de um mês após um apelo de QU Dongyu, diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), por sistemas agroalimentares mais sustentáveis e inclusivos (FAO, 2022b).

Assim, em face de um cenário marcado pela desertificação da alimentação, este artigo procura refletir sobre as formas pelas quais práticas midiáticas – considerando, em especial, o jornalismo – enquadram e posicionam-se em relação aos conflitos e mutações em curso no *campo alimentar*^[1]. Sem pretender esgotar as possibilidades de enfrentamento da problemática, debruçamo-nos sobre o caso de *Prato Cheio*, podcast de *O Joio e o Trigo*, projeto voltado à cobertura jornalística sobre alimentação^[2].

Ao lado da possibilidade de examinar o caso de um produto jornalístico que possui o campo alimentar como foco de especialização, a escolha de *Prato Cheio* como objeto empírico do trabalho deve-se ao interesse despertado pela recente consolidação dos *podcasts* no âmbito da produção jornalística^[3], considerando tanto a rápida e significativa ampliação de seu público consumidor quanto seu potencial para a inovação, sobretudo no que diz respeito à exploração da subjetividade e hibridéz de linguagem e à redescoberta da “arte de contar histórias” (SANTOS, 2021, p. 195).

Em seu portal, *O Joio* defende, como pressuposto editorial, o entendimento do jornalismo como “ferramenta-chave para que a sociedade se contraponha aos poderes que estão levando ao

esgotamento das vidas no planeta”. Atribuindo às grandes corporações papel destacado no centro desses poderes, o veículo afirma-se comprometido com o objetivo de atender aos cidadãos em seu direito de serem informados sobre a indústria de alimentos ultraprocessados e seus impactos sobre a saúde e o bem-estar da população, descrevendo-se como um projeto de “jornalismo investigativo, abrangente e independente” (O JOIO, s./d., *online*).

Dessa forma, ao mesmo tempo em que se filia a valores como apreço pela apuração rigorosa, compromisso com o direito à informação e vigilância em relação a instâncias de poder (O JOIO, s./d., *online*), que constituem fundamentos deontológicos do jornalismo moderno (BUCCI, 2000), a declaração de compromissos editoriais disponível no portal do *Joio* parece rejeitar princípios como os de *imparcialidade* e *neutralidade* – frequentemente invocados, ainda hoje, por veículos do chamado “jornalismo de referência” (MANNA; JÁCOME; FERREIRA, 2017; ZAMIN, 2014).

Mais especificamente, o veículo assume posicionamento claro em defesa do projeto de construção de “um novo sistema econômico, que coloque o bem-estar das pessoas, dos animais e do planeta no centro”. Nesse sentido, o *Joio* procura apresentar-se como um “veículo jornalístico que aceita e valoriza a utopia” e que busca, por meio de uma cobertura centrada na realidade alimentar brasileira, “descolonizar o imaginário” como caminho para “construir saídas” rumo a um futuro melhor (O JOIO, s./d., *online*).

Em relação ao *podcast Prato Cheio*, foco específico das análises propostas neste artigo, este se apresenta como o “primeiro podcast do Brasil voltado a investigações sobre alimentação” (O JOIO, s./d., *online*). Lançado em 2020, o *podcast* contava, até janeiro de 2023, com cinco temporadas completas – **além de episódios extras e especiais**. Na seção “Prato Cheio” no *site O Joio e o Trigo*^[4], além do acesso a todos os episódios – disponíveis também em plataformas agregadoras de *podcasts*, como *Spotify* e *Deezer* –, **é possível encontrar** a opção “Mesa Cheia”, que reúne materiais complementares às reportagens em áudio, como infográficos, ferramentas visuais e conteúdos interativos. Como *corpus* de análise, o trabalho considera os episódios da quinta temporada de *Prato Cheio*^[5], que se estrutura, ao longo de seis episódios, em torno da pergunta: “o que acontece quando um alimento vira produto?”.

Quanto ao percurso metodológico da pesquisa, partimos de pressupostos teóricos da *frame analysis* (GOFFMAN, 2006; TUCHMAN, 2016; CASADEI, 2019) a fim de identificar os quadros jornalísticos pelos quais processos de produção e/ou consumo alimentar são representados nas reportagens que constituem os episódios do *corpus*. Para tanto, indagamos sobre a abordagem conferida a formas de *reivindicação* e/ou *contestação* de práticas sociais no campo da alimentação. Já em um segundo movimento analítico, buscando avançar na compreensão de como *Prato Cheio* se posiciona em relação a mudanças no campo alimentar, examinamos as formas pelas quais o *podcast* integra diferentes vozes sociais sob a modalidade do *discurso alheio relatado*

(GRILLO, 2005). Desse modo, esperamos refletir sobre como *Prato Cheio* responde aos desafios e potencialidades do jornalismo de alimentação na contemporaneidade^[6].

JORNALISMO (D)E ALIMENTAÇÃO: INTER-RELAÇÕES EM UM CONTEXTO DE MUTAÇÕES

Antes de passarmos à apresentação das reflexões traçadas sobre o objeto empírico em foco neste trabalho, faz-se necessário, a fim de ser possível compreender suas articulações com um contexto de discursividades mais amplas, situar, brevemente, os processos históricos pelos quais, nas últimas décadas, viram-se reconfigurados tanto o campo alimentar quanto a cobertura jornalística sobre culinária e gastronomia, levando a reposicionamentos decisivos nas relações entre jornalismo e alimentação.

Merece atenção, em primeiro lugar, a consolidação, relativamente recente, do espaço da *gastronomia* no jornalismo brasileiro. Segundo Amaral (2015), esse fenômeno se torna mais perceptível a partir de meados dos anos 2000, embora decorra de reconfigurações discursivas transcorridas entre as décadas de 1970 e 1990. Se, tradicionalmente, a cobertura jornalística sobre comida destinava-se à apresentação de *receitas*, com foco no *espaço privado* da casa e dirigindo-se às *mulheres*, então vistas como principais responsáveis pela preparação dos alimentos na vida doméstica, há pouco menos de 20 anos é que “a gastronomia vem se descolando dos cadernos de cultura e ganhando espaço exclusivo – e mais afeito a explorar não somente esse tipo de jornalismo de serviço, mas também algumas reportagens com pautas mais aprofundadas e analíticas” (AMARAL, 2015, p. 11). Na TV, tendência parecida pode ser observada a partir da substituição de programas culinários tradicionais por diferentes formatos narrativos, que exploram tipos diversos de cozinha, conferindo posição destacada à figura do *chef* de cozinha (REZENDE; LAVINAS, 2017).

No campo jornalístico, essa “virada gastronômica” (AMARAL, 2015), gênese do que se entende atualmente como “jornalismo gastronômico”, é responsável por mudanças significativas nas formas pelas quais se representam a comida e a cozinha:

O foco, agora, recai sobre o discurso, sobre a apreciação e o gosto, e não mais sobre a prática. O espaço se torna público: restaurantes, bares e cafés são temas frequentes. A cozinha de casa já não parece tão relevante. Quem protagoniza a ação no novo espaço são os *chefs* de cozinha (no masculino, pois quase sempre são homens) (AMARAL, 2015, p. 16-17).

Evidentemente, tais processos no campo jornalístico acompanham transformações sociais e discursivas mais abrangentes, com destaque para a consolidação de um *campo gastronômico* economicamente estruturado e simbolicamente baseado na *distinção* em relação à *cozinha popular*, protagonizada por mulheres no espaço doméstico, que atuam em relações de trabalho não profissionalizadas (MONTANARI, 2013). No plano das representações midiáticas, tal tendência se traduz na agregação de valor à comida por meio de traços de distinção, que passam ora pela qualidade e nobreza dos ingredientes, ora pela apresentação visual das receitas, ora pela *performance* do cozinheiro (frequentemente um *chef* profissional elevado à condição de “*chef-celebridade*”) durante os rituais de preparo (OLIVEIRA, 2016).

Embora o *podcast Prato Cheio*, objeto empírico deste trabalho, distancie-se do tipo de cobertura predominante no jornalismo gastronômico brasileiro^[7], parece-nos fundamental situá-lo em um quadro mais amplo de ampliação da visibilidade conferida à comida e à cozinha na cultura midiática (AUTOR), contexto este do qual a “virada gastronômica” descrita por Amaral (2015) participa e para o qual contribui decisivamente. Assim, da mesma forma como a emergência do jornalismo gastronômico contribui para o alargamento e valorização de temáticas relacionadas à comida e à cozinha na cobertura jornalística, o caso de *Prato Cheio* parece evidenciar uma espécie de nova *virada discursiva* da alimentação, marcada pela crescente politização dos debates sobre o tema no espaço público.

De fato, a hipervalorização do capital gastronômico e o fortalecimento de questões de ordem estética têm levado à maior visibilização de temas ligados ao território, à sociabilidade em torno da mesa e às culturas alimentares (PORTILHO, 2020), que ganham particular projeção em um cenário marcado por reposicionamentos de formas tradicionais de participação política em face de modos menos institucionalizados e hierárquicos de ação (PORTILHO; CASTAÑEDA; CASTRO, 2011; BARBOSA, 2009). Esse é justamente o contexto de emergência dos ativismos alimentares que ganham força a partir dos primeiros anos do século XXI no Brasil, através dos quais organizações, movimentos sociais e grupos de protesto têm buscado dar corpo a um “vasto leque de demandas, estilos de vida e conexões entre a produção, a distribuição e o consumo de alimentos” (PORTILHO, 2020, p. 415).

Com efeito, em diferentes espaços da sociedade, a alimentação passou a ser percebida como questão política no que diz respeito tanto às suas formas macrossociais de produção, distribuição e comercialização quanto a seus modos e locais de aquisição e preparo (PORTILHO, 2020). Ao mesmo tempo, a penetração de discursos provenientes de movimentos e ativismos alimentares em espaços midiáticos tem levado a mudanças não pouco expressivas na cobertura jornalística sobre alimentação no Brasil, seja nos termos do jornalismo gastronômico, tal como este se configura na imprensa de referência, que passa a repercutir posições assumidas por

chefs politicamente engajados, por exemplo; seja no caso da criação de veículos/produtos “alternativos”^[8] especializados em alimentação – a exemplo do *site O Joio e o Trigo* e do *podcast Prato Cheio*.

Diante desse contexto de rearticulações nas relações entre jornalismo e alimentação, parece-nos adequado falar em mudanças que alcançam, nos termos de Bourdieu (2017), os *habitus* – isto é, os conjuntos de regras internalizadas pelos atores – desses dois campos sociais. Enquanto elemento construtor de capital no campo, o *habitus* **é decisivo para a obtenção de legitimidade e reconhecimento pelos/dos atores sociais**; por outro lado, os atores também podem influenciar as dinâmicas de um campo em processos de afirmação de novas regras (BOURDIEU, 2017), como parece ser o caso do campo alimentar, cujas representações em reportagens do *podcast Prato Cheio* passamos a discutir a seguir.

UM CAMPO EM CONFLITO, UM CAMPO DE RESISTÊNCIAS

Lançados entre os dias 11 de abril e 10 de maio de 2022, os seis episódios da quinta temporada do *podcast Prato Cheio* intitulam-se, por ordem de lançamento: (1) *Miojo, o mestre dos disfarces*; (2) *Os últimos dias do chocolate*; (3) *Salmão malvadão*; (4) *Juçara, um símbolo de resistência*; (5) *Da marmelada só sobrou o nome*; e (6) *A periferia também quer comer sustentável*^[9]. Como os títulos sugerem, cada episódio apresenta a história de um alimento e/ou processo de produção alimentar, abordando ora a apropriação de pratos e/ou matérias-primas pela indústria de ultraprocessados (episódios 1, 2 e 3), ora a extinção de produtos não rentáveis sob a lógica industrial (episódio 5), ora ainda espaços e práticas de resistência alimentar (episódios 4 e 6).

De modo a avançar na compreensão dos elementos que compõem os quadros interpretativos presentes nos episódios em questão, recorreremos, em um primeiro movimento analítico, ao conceito de *enquadramento jornalístico*, derivado da perspectiva de Goffman (2006) sobre os *frames* que organizam as formas pelas quais percebemos, como acontecimentos dignos de nota, certas “fatias” do fluxo de atividades cotidianas. Tal como incorporada aos estudos de Comunicação por Gaye Tuchman (2016), a noção de *enquadramento* mostra-se relevante, não obstante suas limitações^[10], como ponto de partida para o estudo das operações através das quais repórteres selecionam os objetos de seus relatos e os organizam sob a forma de narrativas que, longe de corresponderem a reflexos fiéis da realidade, mostram-se impregnadas de perspectivas particulares.

Em outras palavras, uma análise dos enquadramentos jornalísticos deve ser capaz de compreender as formas pelas quais atores midiáticos “recortam” e privilegiam determinadas partes da realidade por meio de padrões mais ou menos recorrentes, enfatizando elementos capazes de exprimir “os temas e os conflitos de uma sociedade particular” (TUCHMAN, 2016, p. 128). Dessa forma, seriam dois os objetivos de uma análise dos enquadramentos jornalísticos: (1) mapear os elementos que compõem os quadros mobilizados em narrativas específicas e (2) identificar os “quadros dominantes”, isto é, “os enquadramentos interpretativos mais frequentes nos noticiários a partir da repetição de enquadramentos ideológicos específicos” (CASADEI, 2009, p. 103).

Diante das limitações em termos do espaço disponível na extensão de um artigo, elegemos um único operador analítico a fim de mapear os enquadramentos do campo alimentar no *podcast Prato Cheio*, qual seja: as *vozes sociais* que compõem o quadro narrativo de cada episódio a partir de seus/ suas *entrevistados(as)*. Tal escolha se justifica pelo papel que as fontes de informação desempenham no jornalismo no que diz respeito à priorização de “pedaços” da realidade a ser representada e às formas pelas quais esses “pedaços” são posicionados “dentro” do quadro jornalístico. Dessa forma, ao lado da sistematização dos entrevistados(as) presentes no *corpus* do trabalho, buscamos identificar também as posições *representadas*, *reivindicadas* e/ou *contestadas* por cada uma dessas vozes, como evidenciam os dados apresentados na Tabela 1, a seguir.

Os resultados sistematizados na tabela chamam a atenção, em primeiro lugar, para a predominância de entrevistados(as) provenientes do campo alimentar, em conformidade com características típicas do jornalismo especializado. Entre as vozes externas a esse campo, destacam-se especialistas, que falam na condição de pesquisadores inseridos ou não no campo acadêmico. Encontramos também, em menor quantidade, fontes provenientes dos campos jurídico e político, assim como entrevistas com atores sociais que não chegam a ocupar papéis estabelecidos no campo alimentar, mas transitam por ele e tomam parte em suas disputas e conflitos – é o caso, por exemplo, das vozes de ambientalistas, que têm presença recorrente no *podcast*.

EPISÓDIO	ENTREVISTADOS(AS)	POSIÇÃO REPRESENTADA
EP1 – Miojo, o mestre das disfarces	Vanille Pessoa (professora UFCG)	Contestação de estratégia de marketing de alimento UP
	Mark Veen (<i>chef</i> de cozinha)	Contestação do valor cultural/ gastronômico de alimento UP
	Maria A. de F. Nogueira (professora UFRJ)	Saber especializado sobre estratégia de marketing de UPs
	Ana Fossati (gerente de Marketing Nissin) <i>*entrevista concedida ao UOI</i>	Reivindicação de valor cultural/gastronômico de alimento UP
EP2 – Os últimos dias do chocolate	Ramón Tupinambá (cacique)	Contestação do impacto socioambiental da ind. alimentícia
	Bradiane F. Ribeiro (Procuradora do Trabalho)	Contestação de irregularidades trabalhistas na indústria alimentícia
	Antônio (pequeno produtor rural de cacau)	Relato sobre dificuldades na produção agrícola
	Rui Rocha (presidente Inst. Floresta Viva)	Contestação de lógicas de produção da indústria alimentícia
	Joelson F. de Oliveira (líder de assentamento do MST)	Defesa de formas agroecológicas de produção alimentar
	Diego Badaró (proprietário marca AMMA)	Reivindicação da superioridade de alimento não commodity
EP3 – Salmão malvadão	Yara A. Tabata (Estação de Salmonicultura)	Descrição de processos produtivos da indústria alimentar
	Liesbeth V. der Meer (Oceana Chile)	Contestação de processos produtivos da indústria alimentar
	Carlos Alberto Dória (sociólogo)	Crítica à cadeia de produção e consumo de alimento exótico
	Carlos A. Monteiro (pesquisador NUPENS/USP) <i>*entrevista ao podcast Cozinha Bruta</i>	Contestação de processos produtivos da indústria alimentar
EP4 – Juçara, um símbolo de resistência	Dauro M. do Prado (morador da região da Jureia/ativista)	Reivindicação da autonomia de povos tradicionais sobre seus territórios
	Renata Barroso (engenheira florestal)	Saber especializado sobre a exploração da cultura alimentar de povos originários
	Dona Neca (ex-palmeira)	Relato sobre dificuldades enfrentadas enquanto extrativista
	Andrew T. Hayama (defensor público)	Contestação do racismo ambiental contra povos tradicionais
	Daniele E. Santos (liderança quilombola)	Reivindicação da autonomia de povos tradicionais sobre seus territórios
	Gilberto Ohta (liderança de assentamento)	Reivindicação de arranjos produtivos agroflorestais
	Geraldo X. de Oliveira (produtor rural)	Reivindicação de arranjos produtivos agroflorestais
	Ricardo Salles (ex-ministro do Meio Ambiente) <i>*entrevista ao SBT</i>	Defesa da concessão de parques estaduais à iniciativa privada
EP5 – Da marmelada só sobrou o nome	Darci Pereira (agricultor)	Relato sobre produção/consumo de alimento tradicional
	César L. R. Junior (agricultor)	Relato sobre declínio da produção de alimento tradicional
	Benedita Fortes (moradora Marmelópolis)	Relato sobre produção/consumo de alimento tradicional
	Túlio Meireles (técnico agrícola)	Reivindicação da produção local de alimento tradicional
	Joelma Pádua (secretária de Agricultura de Delfim Moreira)	Relato sobre produção/consumo de alimento tradicional
	Irênio A. Ribeiro (ex-agricultor de marmelo)	Relato sobre produção/consumo de alimento tradicional
	Moisés Cunha (fabricante de marmelada)	Relato sobre declínio da produção de alimento tradicional
EP6 – A periferia também quer comer saudável	Wagner Ramalho (coordenador- Prato Verde Sustentável)	Reivindicação da produção agroecológica na periferia
	Angeli T. de Souza (educadora - Prato Verde Sustentável)	Relato sobre benefícios de hortas agroecológicas na periferia
	Rafael (criança assistida - Prato Verde Sustentável)	Relato sobre consumo de alimentos de horta agroecológica

TABELA 1: Posições representadas pelos(as) entrevistados(as) ouvidos (s) nos seis episódios da quinta temporada do *podcast Prato Cheio*. Fonte: elaboração própria.

No caso das fontes provenientes do campo alimentar, merece destaque a presença de entrevistados(as) que representam diferentes espaços de produção, especialmente fabricantes locais, empresários entusiastas de modelos de produção agroecológica e pequenos produtores rurais – incluindo lideranças de assentamentos e comunidades quilombolas. Nota-se, ainda, que a maior parte dos(as) entrevistados(as) consultados(as) no *podcast* é proveniente de áreas rurais, embora sejam ouvidos também produtores e ativistas atuantes em localidades urbanas, sobretudo no caso do sexto episódio, que focaliza os impactos positivos de hortas agroecológicas criadas no Jardim Filhos da Terra, um bairro periférico situado no extremo norte da cidade de São Paulo.

Em relação às posições sociais representadas pelos(as) entrevistados(as), é possível identificar dois eixos principais de posicionamentos, a saber: (1) *contestação de processos adotados pelas indústrias alimentares* e (2) *defesa de formas de produção de alimentos capazes de oferecer alternativas a lógicas produtivas dominantes*, especialmente aquelas do mercado de *commodities* e da indústria de ultraprocessados. No conjunto dos episódios, a primeira posição tem papel central nos quadros narrativos dos episódios 1, 2 e 3, materializando-se em falas de especialistas sobre as ações de *marketing* da Nissin, que promove seu macarrão instantâneo como um produto de valor nutricional e gastronômico; em manifestações de ativistas sobre os danos socioambientais decorrentes do plantio de cacau como forma de abastecer a produção de chocolate pela indústria de ultraprocessados; e de críticas por parte de pesquisadores(as) em relação à cadeia produtiva e à fama do salmão como alimento supostamente saudável. Já a segunda posição mostra-se particularmente importante aos quadros narrativos dos episódios 4, 5 e 6, sendo representada por falas de lideranças comunitárias e quilombolas a favor de modelos agroflorestais de plantio e coleta do palmito juçara; relatos de moradores da cidade de Marmelópolis sobre o resgate da produção de marmelada como forma de valorização de uma tradição culinária local; e pela defesa do acesso de populações periféricas a alimentos agroecológicos.

Passando a um segundo movimento analítico, é possível indagar de que forma o *podcast Prato Cheio* interpreta, enquanto instância de enunciação jornalística, as posições representadas pelos(as) entrevistados(as) ouvidos(as) em cada episódio. Sem pretender esgotar as muitas abordagens possíveis para tal questão, priorizamos a observação das estratégias pelas quais diferentes vozes sociais são integradas aos enunciados do *podcast*, escolha que, inspirada em perspectiva partilhada por pensadores ligados ao chamado Círculo de Bakhtin^[11], parte dos pressupostos de que todo discurso é invariavelmente *dialógico* e de que toda representação discursiva não apenas *reflete*, como também *refrata*, ideologicamente, a realidade material (VOLÓCHINOV, 2017). A Tabela 2, a seguir, sistematiza os resultados dessa etapa de análise.

EPISÓDIO	ENTREVISTADOS(AS)	DISCURSO ALHEIO: RÉPLICA/COMENTÁRIO
EP1 – Miojo, o mestre dos disfarces	Vanille Pessoa (professora UFCG)	Reiteração/ complementação
	Mark Veen (<i>chef</i> de cozinha)	Reiteração/ complementação
	Maria A. de F. Nogueira (professora UFRJ)	Reiteração/ complementação
	Ana Fossati (gerente de Marketing Nissin) <i>*entrevista concedida ao UOL</i>	Apropriação crítica/irônica
EP2 – Os últimos dias do chocolate	Ramón Tupinambá (cacique)	Reiteração/ complementação
	Bradiane F. Ribeiro (Procuradora do Trabalho)	Reiteração/ complementação
	Antônio (pequeno produtor rural de cacau)	Interposição de elementos narrativos
	Rui Rocha (presidente Inst. Floresta Viva)	Reiteração/ complementação
	Joelson F. de Oliveira (líder de assentamento do MST)	Reiteração/ complementação
	Diego Badaró (proprietário marca AMMA)	Reiteração/ complementação
EP3 – Salmão malvadão	Yara A. Tabata (Estação de Salmonicultura)	Cotejamento/ confrontação
	Liesbeth V. der Meer (Oceana Chile)	Reiteração/ complementação
	Carlos Alberto Dória (sociólogo)	Reiteração/ complementação
	Carlos A. Monteiro (pesquisador NUPENS/USP) <i>*entrevista ao podcast Cozinha Bruta</i>	Reiteração/ complementação
EP4 – Juçara, um símbolo de resistência	Dauro M. do Prado (morador da região da Jureia/ativista)	Reiteração/ complementação
	Renata Barroso (engenheira florestal)	Reiteração/ complementação
	Dona Neca (ex-palmeira)	Interposição de elementos narrativos
	Andrew T. Hayama (defensor público)	Reiteração/ complementação
	Daniele E. Santos (liderança quilombola)	Reiteração/ complementação
	Gilberto Ohta (liderança de assentamento)	Reiteração/ complementação
	Geraldo X. de Oliveira (produtor rural)	Reiteração/ complementação
	Ricardo Salles (ex-ministro do Meio Ambiente) <i>*entrevista ao SBT</i>	Apropriação crítica/irônica
EP5 – Da marmelada só sobrou o nome	Darci Pereira (agricultor)	Interposição de elementos narrativos
	César L. R. Junior (agricultor)	Interposição de elementos narrativos
	Benedita Fortes (moradora Marmelópolis)	Interposição de elementos narrativos
	Túlio Meireles (técnico agrícola)	Reiteração/ complementação
	Joelma Pádua (secretária de Agricultura de Delfim Moreira)	Interposição de elementos narrativos
	Irênio A. Ribeiro (ex-agricultor de marmelo)	Interposição de elementos narrativos
	Moisés Cunha (fabricante de marmelada)	Interposição de elementos narrativos
EP6 – A periferia também quer comer saudável	Wagner Ramalho (coordenador - Prato Verde Sustentável)	Reiteração/ complementação
	Angeli T. de Souza (educadora - Prato Verde Sustentável)	Interposição narrativa
	Rafael (criança assistida - Prato Verde Sustentável)	Interposição narrativa

TABELA 2: Modalidades de comentário e/ou réplica pelas quais a enunciação de cada entrevistado(a) é incorporada ao longo da quinta temporada do *podcast Prato Cheio*.

Fonte: elaboração própria.

Em perspectiva bakhtiniana, a problemática da incorporação discursiva da voz de outrem ganha corpo, dentre outras possibilidades, na questão do *discurso relatado*, entendido como o *discurso no discurso*, mas também, e muito fundamentalmente, como um *discurso sobre o discurso* (GRILLO, 2005). Cabe ao analista, portanto, descrever as “formas de transmissão do discurso alheio na inter-relação com o contexto incorporador e articulador das vozes alheias” (GRILLO, 2005, p. 75), observando que “as inter-relações entre contexto transmissor e discurso

alheio são condicionadas pela posição que um discurso a ser citado ocupa na hierarquia social de valores” (GRILLO, 2005, p. 83).

De modo a identificar a materialização de tais inter-relações no *podcast Prato Cheio*, buscamos categorizar as modalidades de *réplica* e/ou *comentário* pelas quais vozes alheias são integradas ao conjunto dos episódios. Como é possível observar na Tabela 2, as categorias elaboradas dizem respeito não a enunciados individualizados, mas sim, ao conjunto de traços semânticos e axiológicos que caracterizam a incorporação da enunciação de cada fonte/voz social. São quatro as modalidades de *réplica* e/ou *comentário* à voz de outrem presentes nos episódios da quinta temporada de *Prato Cheio*:

- *Apropriação crítica/irônica*. Identificamos apenas duas ocorrências, nos episódios 1 e 4, dessa modalidade de comentário/réplica – não à toa, ambas dizem respeito à incorporação de falas extraídas de entrevistas concedidas originalmente a outros veículos de mídia, o que pode justificar um maior distanciamento crítico assumido pelo *podcast* em relação às vozes dos atores sociais em questão: Ana Fossati, gerente de marketing da Nissin, e Ricardo Salles, ex ministro do Meio Ambiente. Nesse sentido, é relevante observar que, embora digam respeito a atores sociais que ocupam posições de relativa autoridade e eminência hierárquica, seus enunciados são problematizados pela enunciação do *podcast*; em relação à entrevista de Fossati, por exemplo, a apresentadora de *Prato Cheio* chama a atenção para o caráter absurdo das tentativas de apresentar o miojo como um alimento “gourmet”.
- *Cotejamento/confrontação*. Presente uma única vez no *corpus* de análise, essa modalidade de réplica/comentário parece indicar uma relação entre contexto transmissor e voz alheia marcada pela tentativa de negociação entre a crítica aberta a vozes que expressam os interesses de grandes corporações da indústria de alimentos e a autoridade conferida a falas de especialistas. Não à toa, está presente no episódio 3, contribuindo para tensionar a enunciação de Yara Aiko Tabata, pesquisadora na Estação Experimental de Salmonicultura Ascânio Faria: por um lado, a enunciação de Tabata detém a eminência hierárquica do discurso científico; por outro, é porta-voz de uma instituição que abriga práticas ligadas à lógica produtiva que o *podcast* busca problematizar. Assim, no início do episódio, após inserção de um trecho da entrevista em que Tabata fala sobre as origens da criação de salmão no Brasil, a narradora Luisa Coelho apresenta de forma respeitosa a pesquisadora e, na sequência, diz: “[...] peraí, tem salmão num país quente como o nosso? Como se não bastassem o estrago causado pela tilápia, ainda vão enfiar salmão no mar e nos rios do Brasil?”.

- *Interposição narrativa.* Trata-se de uma modalidade de réplica/comentário dirigida à enunciação de personagens cujas falas cumprem papel testemunhal, apresentando relatos e compartilhando experiências pessoais acerca dos processos de produção e/ou consumo alimentares de que se ocupam os episódios. De modo geral, integra falas de atores sociais que não representam posições hierarquicamente destacadas, tais como agricultores (episódios 2 e 4) e moradores de regiões impactadas pela ação de indústrias alimentares (episódio 5). Expressando um grau relativamente baixo de réplica/comentário em relação ao discurso alheio, a *interposição narrativa* articula uma inter-relação entre enunciação de outrem e contexto transmissor marcada pelo “reconhecimento”, por parte deste último, em relação à legitimidade da primeira, favorecendo, pela integração da voz alheia a um fluxo narrativo, a produção de um efeito de sentido de reforço mútuo.
- *Reiteração/complementação.* Modalidade de comentário/réplica mais recorrente no *corpus* analisado, assinala o estabelecimento de inter-relações entre discurso alheio e contexto transmissor nas quais o segundo, ao mesmo tempo em que confere prestígio ao primeiro, dele apropria-se como forma de sustentar uma linha argumentativa. Nos episódios analisados, é possível observar que a modalidade de comentário/réplica via *reiteração/complementação* do discurso alheio é utilizada para integrar, à estrutura discursiva do *podcast*, vozes que contestam processos industriais de produção de alimentos ou defendem arranjos produtivos que desafiam as lógicas das grandes corporações do mercado de alimentação. Trata-se, portanto, de estratégia discursiva importante à materialização dos posicionamentos assumidas em *Prato Cheio* em relação a conflitos e mutações em curso no campo alimentar. Isso porque a enunciação do *podcast* assume, pela *reiteração/complementação* de enunciações alheias, uma posição legitimadora de formas de resistência e práticas ativistas que defendem a transformação de sistemas alimentares dominantes.

Ao final deste percurso analítico, devemos observar que o conjunto de quadros narrativos dos episódios de *Prato Cheio* analisados nesta pesquisa aponta para a articulação, no *podcast* em questão, de um enquadramento interpretativo do campo alimentar enquanto *espaço em conflito*, atravessado por *assimetrias na distribuição do poder* e marcado pela emergência de *disputas que desestabilizam os capitais detidos por atores sociais em posições históricas de dominância*. Assim, contrapondo-se aos quadros dominantes no jornalismo gastronômico, cujo foco principal costuma recair sobre o prazer de comer (AMARAL, 2015), as narrativas de *Prato Cheio* estruturam-se a partir de referenciais de inteligibilidade que ganham força com as discursividades dos ativismos alimentares que emergem no início do século XXI (PORTILHO, 2020).

Referimo-nos, em especial, ao diálogo estabelecido pelo *podcast* em relação à recente emergência e profusão de discursos em torno de “um novo aspecto político e politizador da alimentação” responsável por levar a percepção sobre *o que* comemos e *como* comemos a ocupar, cada vez mais, “o centro dos debates políticos” (PORTILHO; CASTAÑEDA; CASTRO, 2011, p. 100). De fato, a afirmação do caráter político da alimentação fica evidente desde a apresentação do site *O Joio e O Trigo*, que faz referência a pautas que caracterizam debates emergentes no campo alimentar, tais como questões ambientais e climáticas, a defesa da sociobiodiversidade e o bem-estar animal, defendendo que “comer é um ato político, com profundas implicações sociais, econômicas e ambientais” (O JOIO E O TRIGO, s./d., *online*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que transformações no *habitus* de um campo podem realocar capital e colocar em xeque formas estabelecidas de distinção, contestando lógicas de exclusão/inclusão que operam sobre as capacidades classificantes dos indivíduos (BOURDIEU, 2017), não nos parece exagerado afirmar o potencial do *podcast Prato Cheio* para desafiar os enquadramentos dominantes na cobertura jornalística sobre alimentação, sobretudo do ponto de vista dos assuntos e/ou enfoques recorrentes no jornalismo gastronômico.

Em diálogo com discursos que emergem no bojo da atual geração de ativismos alimentares no Brasil, os casos do site *O Joio e o Trigo* e do *podcast Prato Cheio* possibilitam iluminar o que talvez configure uma nova onda de transformações que alcançam o jornalismo de alimentação. Assim, se, há alguns anos, assistimos à reconfiguração da cobertura jornalística em face de uma “virada gastronômica” (AMARAL, 2015), as relações entre jornalismo e alimentação parecem ser novamente desafiadas pela necessidade de urgente enfrentamento dos desertos alimentares que se espalham em todo o mundo (KATSUDA; JUNQUEIRA, 2021).

À luz de tais emergências discursivas, novos quadros narrativos tornam-se possíveis no jornalismo de alimentação. É o caso do alerta em torno dos malefícios de alimentos ultraprocessados, da defesa de alimentos *in natura* e minimamente processados e da valorização das culturas alimentares como parte fundamental da experiência humana. É também o caso da visibilidade alcançada por vozes que contestam a transformação do *alimento* em *produto* – como evidencia a quinta temporada do *podcast Prato Cheio*. Se o momento em que um alimento vira produto é também o momento em que um alimento *deixa de ser*

alimento, o que está em jogo é o próprio processo de esgotamento ou – para retomar o início deste texto – *desertificação* da alimentação.

Em suma, para além da cobertura dos fazeres culinários e/ou dos saberes gastronômicos, é preciso ampliar as experiências no âmbito do jornalismo de alimentação capazes de voltar-se às diversas práticas que constituem o campo alimentar, contemplando as múltiplas faces dos processos de produção, distribuição e consumo de alimentos, nos diferentes arranjos socioeconômicos em que estes se apresentam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, R. M. *Virada gastronômica: como a culinária dá lugar à gastronomia no jornalismo brasileiro*. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

BARBOSA, L. “Comida e sociabilidade no prato do brasileiro”. In: BARBOSA, L.; VELOSO, L.; PORTILHO, F. (Orgs.). *Consumo: cosmologias e sociabilidades*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009. p. 39-59.

BEAUGÉ, B.; DEMORAND, S. *Les cuisines de la critique gastronomique*. Paris: Éditions du Seuil; Presses de Sciences Po, 2009.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2017.

BUCCI, E. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARVALHO, C. A. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. *Contemporanea*, Salvador, v. 7, n. 2, p. 1-15, dez. 2009.

CASADEI, E. B. Imaginários da masculinidade bem-sucedida e as narrativas de consumo na curadoria jornalística: o medo da despossessão financeira e o elogio à potência em VIP, GQ e L’Officiel Hommes. *InTexto*, Porto Alegre, n. 45, p. 99-120, mai./ago. 2019.

DÓRIA, Carlos Alberto. *Estrelas no céu da boca: escritos sobre culinária e gastronomia*. São Paulo: Senac, 2006.

FALCÃO, B. M.; TEMER, A. C. R. P. O *podcast* como gênero jornalístico. In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém, 2019. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2019. p. 1-14.

FAO. FAO, WFP, UNICEF e Pacto Global participam de painel no Encontro Nacional Contra a Fome. *FAO no Brasil*, 23 jun. 2022a. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1543130/>. Acesso em: 09 jan. 2023.

FAO. É hora de transformar os sistemas agroalimentares em resposta a choques e ao agravamento da insegurança alimentar. *FAO no Brasil*, 18 mai. 2022b. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1529984/>. Acesso em: 09 jan. 2023.

GOFFMAN, E. *Frame analysis: los marcos de la experiencia*. Madrid: CES, 2006.

GRANCHI, G. Fome yanomami: por que reverter quadros de desnutrição é tão difícil. *BBC News Brasil*, 24 jan. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64388465>. Acesso em: 08 fev. 2023.

GRILLO, S. V. C. “Discurso alheio: polifonia e apreensão”. In: SILVA, L. A. (Org.). *A língua que falamos*. Português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005. p. 73-104.

GUEDES, A. Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos. *Agência Senado*, 14 out. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos>. Acesso em: 11 jan. 2023.

KATSUDA, C. P.; JUNQUEIRA, M. A. Yes, nós temos bananas! Desertos alimentares e direitos fundamentais. *Revista Jurídica da Escola do Poder Judiciário do Acre*, Rio Branco, v. 1, n. 1, p. 143–163, dez. 2021.

MANNA, N.; JÁCOME, P.; FERREIRA, T. Recontextualizações do –ismo: disputas em torno do jornalismo “em crise”. *Famecos*, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 1-20, set./dez. 2017.

MONTANARI, M. *Comida como cultura*. São Paulo: SENAC, 2013.

O JOIO E O TRIGO. Quem somos. *O Joio e o Trigo*, [s./d]. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 12 out. 2022.

OLIVEIRA, C. C. “Das concepções e representações do gosto pela mídia: reflexões acerca da imagem estetizada da comida na divulgação de receitas culinárias”. *Culturas Midiáticas*, ano IX, n. 15, p. 136-150, jan./jun. 2016.

PORTILHO, F. “Ativismo alimentar e consumo político – Duas gerações de ativismo alimentar no Brasil”. *Redes*, v. 25, n. 2, p. 411-432, 2020.

PORTILHO, F.; CASTAÑEDA, M.; CASTRO, I. R. R. “A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade”. *Ciências & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 1, p. 99-106, 2011.

REZENDE, R.; LAVINAS, E. L. C. Gastronomia midiática: *reality shows* e a estetização da comida na TV. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 11, n. 3, p. 75-94, set./dez. 2017.

SANTOS, S. “Os podcasts: um lugar novo para o regresso das histórias ao jornalismo”. In: CORREIA, J. C.; AMARAL, I. (Orgs.). *De que falamos quando dizemos “jornalismo”?* Temas emergentes de pesquisa. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2021. p. 195-213.

TUCHMAN, G. “Contando ‘estórias’”. In: TRAQUINA, N (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Florianópolis: Insular, 2016. p. 339-344.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. *Famecos*, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 918-942, set./dez.2014.

- [1] Empregamos a noção de “campo alimentar”, seguindo escolha terminológica presente nos trabalhos de Portilho (2020) e Portilho, Castañeda e Castro (2011), em referência ao conjunto de relações estabelecidas em torno de processos e práticas alimentares, que se estruturam conforme formas específicas de poder. Nesse sentido, o campo alimentar abarca desde processos de produção, distribuição e consumo alimentares até políticas e prescrições nutricionais, passando por questões como os ativismos alimentares e as dinâmicas estetizadas da alta gastronomia, por exemplo. Ao mesmo tempo, cabe ressaltar que o uso do conceito de “campo” ao longo do trabalho se dá a partir do diálogo com a perspectiva de Bourdieu (2017), como veremos adiante.
- [2] Fundado em 2017 pelos jornalistas João Peres e Moriti Neto, *O Joio e o Trigo* se apresenta como um projeto de “jornalismo investigativo sobre alimentação, saúde e poder”, sendo apoiado, no momento de redação deste artigo, pelo Instituto Ibirapitanga, Instituto Clima e Sociedade (iCS), Oxfam Brasil e Instituto Serrapilheira. Além de uma equipe de 13 profissionais, entre jornalistas e *designers*, conta com um Conselho Editorial formado por profissionais de imprensa, pesquisadores e ativistas (O JOIO, s./d., online). O conteúdo produzido por *O Joio e o Trigo* é disponibilizado de forma aberta e gratuita, através do site: <https://ojoioeotrigo.com.br/>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- [3] Em relação à definição de *podcast* – ao menos, em sua materialização no campo jornalístico –, concordamos, sem pretender anular a profícua polissemia que cerca o conceito, com a perspectiva de Falcão e Temer (2019). Segundo as autoras, o *podcast* pode ser considerado como um *gênero jornalístico* recente, marcado por relativa clareza do ponto de vista do *contrato comunicacional* que aciona entre produtores e receptores e pela *hibridização* de formatos, tais como entrevista, reportagem, debate, mesa redonda etc.
- [4] Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/prato-cheio/>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- [5] Tal escolha justifica-se pelo fato de a temporada em questão ser a mais recente do *podcast Prato Cheio* disponibilizada integralmente no momento de realização desta pesquisa. Esse dado considera as cinco temporadas do *podcast Prato Cheio* lançadas até janeiro de 2023, excluindo-se episódios especiais e extras, conforme informações disponíveis no *site* de *O Joio e O Trigo*.
- [6] Ainda que pouco corrente em língua portuguesa, optamos por adotar a expressão “jornalismo de alimentação” em lugar de opções terminológicas mais recorrentes, como “jornalismo gastronômico”, como forma de demarcar a possível abrangência da cobertura jornalística sobre o campo alimentar, que pode abarcar processos e práticas próprios à gastronomia, entendida como “conjunto de saberes sobre a construção do prazer de comer” (DÓRIA, 2006, p. 17), mas não se limita a eles.
- [7] A definição de jornalismo gastronômico como subcampo jornalístico é proposta por Amaral (2015), que descreve sua função como a de disseminar o conhecimento sobre comida produzido no campo social da gastronomia. Na prática, predominam, no jornalismo gastronômico brasileiro, pautas determinadas pela agenda de restaurantes e *chefs* – tendência da qual o caso de *Prato Cheio*, como veremos, parece destoar. Por isso, defendemos que o *podcast* aproxime-se da vertente, mais disseminada em países anglo-saxões, conhecida como *food journalism*, isto é, uma especialização jornalística voltada à investigação de assuntos relacionados à alimentação (BEAUGÉ; DEMORAND, 2009).

- [8] Consideramos *alternativos*, conforme entendimento de Falcão e Temer (2019), veículos e produtos jornalísticos situados fora da estrutura de produção das grandes empresas e corporações de mídia.
- [9] Todos os episódios estão disponíveis em: <https://ojoioeotrigo.com.br/prato-cheio/>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- [10] Em relação às limitações da *frame analysis* para os estudos de jornalismo, sugerimos a consulta ao trabalho de Carvalho (2009).
- [11] Da perspectiva teórica compartilhada pelos pensadores russos Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev, destaca-se a concepção *dialógica* da linguagem, que tem como base o entendimento do discurso “como fenômeno constituído, em sua essência, por diferentes enunciações, vozes e posições ideológicas” (GRILLO, 2005, p. 73).